

UMA EXPERIÊNCIA EM NATAÇÃO INCLUSIVA: O PROJETO DE EXTENSÃO “GOLFINHOS DO SERTÃO”

Admilson Santos¹
Gilmar Mercês de Jesus²

RESUMO: *Esta é uma atividade de extensão do Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA), da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Trata-se de uma proposta pedagógica para a natação, desenvolvida de acordo com os princípios da concepção Moderna da natação (CATTEAU; GAROFF, 1990), tendo como objetivo principal criar uma estratégia para o ensino-aprendizado que não reduza o ato de nadar apenas aos estilos formais da natação e instituir a natação inclusiva, com a participação de portadores de necessidades especiais (deficientes físicos, mentais, auditivos e visuais) em turmas regulares.*

Palavras-chave: Natação; Inclusão; Portadores de Necessidades Especiais.

INTRODUÇÃO

Esta é uma atividade de extensão do Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA), da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Trata-se de uma proposta pedagógica para a natação, desenvolvida para iniciantes a partir dos sete (07) anos de idade, segundo suas características de desenvolvimento psicomotor, maturacional e do comportamento motor aquático.

A proposta foi elaborada de acordo com os princípios da concepção Moderna da natação (CATTEAU; GAROFF, 1990), tendo como objetivo principal criar uma estratégia para o ensino-aprendizado que não reduza o ato de nadar apenas aos estilos formais da natação, pois, de acordo com Xavier Filho e Manoel (2002), “o ensino da natação é calcado dentro de uma orientação claramente desportiva, restringindo-se, de maneira hegemônica, ao ensino dos quatro estilos formais da natação”.

Nesse sentido, os padrões do ato de nadar, desde o seu reflexo de nadar (MCGRAW, 1939 apud XAVIER FILHO; MANOEL, 2002), devem ser considerados no ensino e não devem ser encarados como erros de performance, em relação aos padrões tecnicamente estruturados dos quatro estilos tradicionais de abordagem. Além disso, objetivou-se instituir a natação inclusiva, com a participação de portadores de necessidades especiais (deficientes físicos, mentais, auditivos e visuais) em turmas regulares.

De forma geral, sabe-se que a natação é praticada pelo homem desde o seu mais longínquo passado. Muitos dos momentos em que foi imprescindível fugir de predadores ou do fogo, para fins de subsistência através da pesca, ou ainda, o uso de embarcações com a finalidade de transporte marítimo ou motivos bélicos levaram o homem ao contato com o meio líquido, a

¹ Doutor em Educação, Professor da UEFS / UFBA / FSBA, Coordenador do NEFEA/UEFS. Orientadora: Sandra Regina Rosa Farias, Mestra em Saúde Coletiva, Professora da UEFS / FSBA, Coordenadora do NEFEA / UEFS, ad-sandra@uol.com.br. Colaboradoras: Acadêmicas de Educação Física da UEFS Suzana Alves Nogueira e Vanessa Almeida Santos.

² Especialista em Fisiologia do Exercício, Professor da UEFS / FSBA, Membro do NEFEA/UEFS, gilmj@yahoo.com.br.

nadar. Como reforço, Catteau e Garoff (1990) destacam que “as origens da natação se confundem com as origens da Humanidade. Raramente por temeridade, mais freqüentemente por necessidade, às vezes por prazer, o homem entrou em contato com o elemento líquido, hostil ou aliado segundo as circunstâncias”.

A referência à natação adaptada no Brasil, segundo Archer (1996), trata do “(...) trabalho destinado a todos os chamados casos especiais onde se aplicam os fundamentos da Psicomotricidade no meio líquido, com o objetivo de obter a reabilitação motora, funcional (...)”. E, é comum encontrar na literatura sobre natação a consideração segmentada da sociedade: natação para gestantes, bebês, terceira idade, asmáticos e reabilitação postural e para portadores de deficiências. Pouco comum é a dedicação dos autores à proposta de inclusão na perspectiva de trabalho com turmas mistas, em que, por exemplo, entre os bebês, ou os indivíduos da terceira idade de uma determinada aula de natação uns sejam portadores de necessidades especiais. Normalmente estes indivíduos são encaminhados a centros de atenção especializada em reabilitação psicomotora. Um argumento preciso em relação a essa situação é a característica esportivizada do ensino da natação (XAVIER FILHO; MANOEL, 2002). É interessante destacar que esta característica é observada até mesmo nos próprios centros de atenção especializada aos portadores de necessidades especiais.

METODOLOGIA

O projeto de Extensão Golfinhos do Sertão no Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado da UEFS atende a comunidade universitária e comunidade “extra-muros”, especialmente, as crianças dos bairros Campo Limpo, Novo Horizonte e Feira VI. Todos estes circunvizinhos à UEFS. E, ainda, os alunos do Centro de Educação Básica da UEFS. As atividades de ensino-aprendizagem são baseadas na concepção Moderna do ensino da natação (CATTEAU, GAROFF, 1990). De acordo com Catteau e Garoff (1990), a corrente Moderna representa a concepção pedagógica da natação mais recente e racional, indo além da observação dos aspectos negativos e da consideração dos aspectos positivos das correntes Global e Analítica, confrontando sua teoria com todas as contribuições técnicas e científicas da psicologia, pedagogia, biologia, dentre outras.

Uma vez que todos os corpos estão sujeitos às leis da mecânica, não seria prudente negligenciar as especificidades mecânicas dos corpos quando imersos nos fluidos, na produção de uma proposta pedagógica para os fundamentos técnicos da natação, considerando todas as forças que atuam sobre um corpo imerso em um fluido (neste caso, a água), em equilíbrio estático ou dinâmico. Forças como o empuxo, pressão, arrasto e sustentação, peso relativo e densidade, além da flutuabilidade específica do corpo humano, quando conhecidas na teoria e consideradas na prática, exercem influências significativas sobre o processo de ensino-aprendizagem da natação, uma vez que até mesmo estruturas psicomotoras sofrem influências das propriedades específicas do meio líquido.

Em contato com o meio líquido, o corpo humano e seu comportamento são obrigados a respeitar as características e propriedades da água, obedecendo aos princípios e leis da hidrostática e hidrodinâmica, sem os quais a adaptação ao meio líquido não é possível.

Segundo Velasco (1997), enquanto a motricidade terrestre exige a integração tônica da gravidade, de onde deriva a adaptação de postura bípede humana, a postura aquática atenua a função da gravidade. Essa característica da motricidade aquática traz uma nova arquitetura psicomotora, construída na base de uma interação polissensorial distinta da motricidade terrestre. No meio líquido, as funções psicomotoras sofrem alterações que podem até mesmo modificar a imagem corporal / esquema corporal, a exemplo de portadores de necessidades especiais, que

podem estar aprisionados à sua condição, quando analisada a função da gravidade em atividades terrestres. O que pode não ser observado no meio líquido, razão pela qual alguns indivíduos portadores de necessidades especiais atingem na água profunda sensação de liberdade, expandindo sua auto-estima e auto-confiança pela autonomia de locomoção aquática.

Na concepção Moderna, define-se “saber nadar” como condição de resolução coletiva ou individual, quantitativa e qualitativa, de qualquer eventualidade relacionada com o elemento líquido, em uma seqüência de situações que podem ser fortuitas e anárquicas (auto-aprendizagem) ou organizadas sistematicamente pelo professor a partir de uma formalização da técnica (ensino) (CATTEAU; GAROFF, 1990). Este método está sempre em evolução, constatando seus próprios insucessos e arquitetando uma nova concepção de natação, reestruturando a anterior.

O planejamento de ensino-aprendizagem do Projeto de Extensão Golfinhos do Sertão foi dividido em **Blocos**, de objetivos comuns, subdivididos em **Fases**. Cada Fase foi composta por **Módulos**, constituídos por um número indeterminado de aulas, que terão, alicerçados no objetivo e característica de cada Fase, suas metas psicomotoras e do comportamento motor aquático, que constituirão seus conteúdos. Nesse sentido, o **Bloco 01** correspondeu à **Adaptação**, sendo constituído pela Fase 01, a adaptação ao meio líquido (VELASCO, 1997); a Fase 02, enriquecimento adaptativo (VELASCO, 1997). O **Bloco 02** correspondeu ao desenvolvimento e aperfeiçoamento dos deslocamentos ativos, independentes e autônomos, estimulados por situações problema no meio líquido e caracterizado pela consideração do simples ato de nadar (nado humano elementar e Crawl rudimentar, segundo Xavier Filho e Manoel, 2002), sendo constituído pela **Fase 03**. Em seguida, o **Bloco 03** foi caracterizado pela aprendizagem da natação, subdividido em Fase 04, Crawl; Fase 05, Costas; Fase 06, Borboleta e Fase 07, Peito.

As aulas em cada Módulo têm cinquenta minutos (50min) de duração e são caracterizadas pela utilização de jogos e brincadeiras como recurso metodológico principal para atingir as metas psicomotoras e do comportamento motor aquático, por Módulo, bem como os objetivos por Fase, estimulando o sentido de ludicidade no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, de acordo com Costa (2004), o jogo pode ser considerado como uma possibilidade metodológica de ensino-aprendizagem, pois revela utilidade no ensino de procedimentos e atitudes, ainda sendo compatível com o desenvolvimento de crianças. Através de jogos com regras, as crianças desenvolvem aspectos sociais, morais e cognitivos, assim como políticos e emocionais, constituindo-se como “conteúdo natural no qual as crianças são motivadas a cooperar para elaborar as regras”. Aspecto importante a ser considerado é o caráter lúdico que o jogo tem na vida das crianças, sendo a ludicidade o componente básico do jogo e de sua utilização como instrumento de ensino-aprendizagem (COSTA, 2004). Os aspectos motores também são desenvolvidos através da vivência do jogo, que podem possibilitar desafios relacionados aos fatores observados no desenvolvimento aquático humano, a citar, controle postural, movimentos coordenados de pernas e braços e controle postural.

Costa (2004) resume suas colocações ressaltando os aspectos benéficos do jogo, no desenvolvimento moral, no cognitivo, motor, dentre outros aspectos, da seguinte forma:

(...) o jogo é benéfico ao desenvolvimento moral, pois as crianças constroem normalmente o seu próprio sistema de valores morais, baseando-se em sua própria necessidade de confiança com as outras. Esse processo é uma verdadeira construção interior. Através da construção autônoma se forma uma boa concepção de si, um ego íntegro e uma autonomia que sustente uma saúde mental positiva.

É benéfico, também, para o desenvolvimento cognitivo, dando acesso a mais informações e tornando mais rico o conteúdo do pensamento infantil. Nos

sentidos motores, consolida habilidades já conquistadas pelas crianças e traz novos desafios.

O desenvolvimento das estruturas psicomotoras, além das variáveis do comportamento motor aquático, estão circunscritos nos planos de aula de cada módulo e, também, no trato do conteúdo pelo professor e pela utilização de materiais diversificados para a estimulação do aprendizado e desenvolvimento principalmente nas Fases 01 e 02.

As aulas são ministradas para grupos de não mais de 15 alunos por horário, conduzidas por pelo menos dois professores, que se revezam dentro e fora da piscina, por entender que turmas muito numerosas dificultam o processo de ensino-aprendizagem e, além disso, por se tratar de uma atividade no meio líquido e com indivíduos de grande diversidade funcional, há riscos potenciais de acidentes.

As crianças são agrupadas em turmas por nível de desenvolvimento, considerando-se seu tipo de deficiência. Os grupos são identificados em níveis: **NÍVEL I, II, III e IV.**

No grupo de **NÍVEL I**, há crianças de 07 anos. Neste grupo, destaca-se nas crianças a fase dos movimentos socialmente determinados, em estágio geral ou de transição (GALLARDO; OLIVEIRA; ARAVENA, 1998). De acordo com Gallardo, Oliveira e Aravena (1998), as crianças que dessa fase de desenvolvimento “já conseguem compreender normas e valores e identificar idéias-chave de um determinado conteúdo”, sendo capazes de generalizar sua aprendizagem para situações diferentes, como uma rede de conhecimentos que tende a se ampliar e diversificar. Sua “aprendizagem é caracterizada pela combinação de movimentos fundamentais ou das habilidades específicas do ser humano (GALLARDO; OLIVEIRA; ARAVENA, 1998)”. São características do estágio pré-operatório, de acordo com Piaget. As aulas desenvolvidas neste nível devem ser caracterizadas pelo uso de jogos com símbolos e, também, com regras.

No grupo de **NÍVEL II**, há crianças de 08 a 09 anos, sendo identificada uma consideração mais conceitual das coisas e pela preocupação com a realidade concreta, já conseguindo trabalhar em grupo e avaliarem seus próprios limites e possibilidades (GALLARDO; OLIVEIRA; ARAVENA, 1998). A criança neste nível adquire um desenvolvimento mais integrado de seu esquema corporal, aliado a avanços significativos na vivência e na compreensão dos aspectos da motricidade aquática. De acordo com Piaget, são características do estágio das operações concretas. As aulas desenvolvidas neste nível são caracterizadas pela diversidade de situações ligadas às habilidades motoras aquáticas básicas, desenvolvidas privilegiando a utilização de jogos com regras.

As crianças do grupo de **NÍVEL III** (09 a 10 anos) são caracterizadas pela vida social que envolve a discussão e a consideração de vários pontos de vista (primórdios da adolescência), demonstrando interesse em atividades que exijam pensamento tático e desempenho técnico. Neste nível, as crianças encontram-se na fase de habilidades culturalmente determinadas, sendo característico o interesse pela iniciação esportiva (GALLARDO; OLIVEIRA; ARAVENA, 1998). As aulas desenvolvidas neste nível são caracterizadas pela montagem de estratégias para diversificar a realização das habilidades motoras aquáticas básicas, desenvolvidas com a utilização de jogos com regras mais complexas, que exijam pensamento tático e, também com atividades que exijam desempenho técnico, além da utilização de fontes diversificadas de informação (filmes, fotos, matérias de revistas e jornais).

No **NÍVEL IV** (10 a 11 anos, entrada na puberdade), as crianças são caracterizadas por certa autonomia e domínio razoável dos movimentos fundamentais, o que lhes “permite a realização de atividades mais diferenciadas e específicas, seguidas de outras mais amplas e comuns a todos os alunos de uma classe”, assim como tem maior capacidade conceitual de abstração e estabelecimento de etapas lógicas na elaboração de um raciocínio (GALLARDO;

OLIVEIRA; ARAVENA, 1998). O processo de aprendizagem neste Nível é caracterizado pela combinação de habilidades motoras diferentes, pela seleção e aperfeiçoamento de um movimento específico (GALLARDO; OLIVEIRA; ARAVENA, 1998). As aulas desenvolvidas neste nível objetivam a consolidação, combinação e aperfeiçoamento das habilidades motoras aquáticas, desenvolvidas com a utilização atividades que exijam desempenho técnico, de jogos com regras mais complexas, que exijam pensamento tático e, também, com utilização de fontes diversificadas de informação (filmes, fotos, matérias de revistas e jornais).

RESULTADOS ALCANÇADOS

As aulas de natação do projeto de extensão Golfinhos do Sertão, do NEFEA/UEFS, teve início no dia 06 de outubro de 2004.

A proposta deste projeto é materializar a inclusão social de portadores de necessidades especiais em turmas regulares de ensino-aprendizado de natação. Porém, não houve muita procura por parte dos portadores de deficiência das comunidades circunvizinhas da UEFS. Inicialmente, os únicos participantes portadores de deficiência foram alguns alunos da APAE convidados a integrar-se ao projeto. Nesse ponto, avalia-se a necessidade de divulgar mais sobre a importância desse projeto para que mais portadores de necessidades especiais (PNE) possam participar, uma vez que, sem a presença desses indivíduos, não há como atingir um dos objetivos do projeto, que é a inclusão social.

Atualmente o projeto conta com a presença de 60 crianças entre 07 e 14 anos de idade, das quais uma pequena parte é composta por PNE. É importante relatar que não existem espaços públicos no município de Feira de Santana onde se possa aprender e praticar a natação, o que reforça a importância desse projeto nessa comunidade. E, ainda, a necessidade da criação de políticas públicas municipais é ilustrada pela grande procura pelo projeto, que teve suas vagas esgotadas no segundo dia de inscrições, o que produziu uma lista complementar de inscritos, com cerca de 100 crianças que aguardam a possibilidade de se engajarem no projeto.

Um fato interessante é que a proposta foi recebida pelos pais e pelas crianças com bastante euforia inicialmente, mas, logo na primeira semana de atividades, foi notada uma certa estranheza em relação à presença de PNE na piscina, juntamente com as crianças ditas “normais”. Esta percepção, tanto das crianças como dos pais, logo foi mudada ao longo das semanas. O que fica claro no relatório bimestral de uma das duplas de monitores do projeto:

O primeiro contato que os alunos ditos normais tiveram com os portadores de necessidades especiais no projeto foi de maneira diferenciada, mas com o passar do tempo, a socialização entre os alunos e professores foi melhorando e a integração e inclusão social foi alcançada, pois os alunos ditos “normais” souberam respeitar as diferenças, visto que não houve discriminações com os portadores de necessidades especiais.

Percebe-se, também, a adequação da proposta de fazer do lúdico o aspecto mais predominante do processo de ensino-aprendizado da natação. Algo interessante é que foi observado que os jogos que despertaram o aspecto competitivo entre os alunos foram mais aceitos do que outros sem essa característica marcante. E, embora os alunos não tenham até agora (após dois meses de trabalho) aprendido o nado propriamente dito, eles puderam aprender os fundamentos básicos da natação, e os professores estão construindo e, muitas vezes, dando um novo significado a valores como o respeito à diferença.

No restabelecimento das atividades em 2005, e, após uma maior divulgação da proposta junto à comunidade de Feira de Santana, já é perceptível o maior número de PNE interessados em se engajar no projeto. Isto contribuirá de forma significativa para o alcance dos objetivos do projeto.

Um dos princípios que direciona o processo de ensino-aprendizagem no projeto em questão é a necessidade de ensinar o nado e a natação a todos, não discriminando os que têm menos habilidade. Cabe ao professor criar e transformar didático-pedagogicamente o esporte, de modo a adaptá-lo para todos possam realizá-lo independente das suas capacidades.

Neste projeto, ensinar a natação não se caracteriza numa intervenção simples de transmissão de conhecimento ou imitação de gestos, em que o aluno é apenas um receptor, passivo, acrítico, inocente e indefeso. O ensino do ato de nadar é entendido como uma prática pedagógica, desenvolvida dentro de um processo de ensino-aprendizagem, que leve em conta o aluno e seu contexto em geral, além de seus vários ambientes relacionáveis, criando possibilidades para a construção desse conhecimento, inserindo e fazendo interagir o que o aluno já sabe com o novo, ampliando-se, assim, sua bagagem cultural.

REFERÊNCIAS

- CATTEAU, R., GAROFF, G. **Ensino da natação**. 3. ed. Manole: São Paulo, 1990.
- CORRÊA, C. R., MASSAUD, M. **Natação na pré-escola**. Sprint: Rio de Janeiro, 2004.
- COSTA, M. B. O jogo e a prática pedagógica. Palestra proferida na Universidade Estadual de Feira de Santana, Campus avançado de Santo Amaro, 2004.
- DAMASCENO, L. G. **Natação: psicomotricidade e desenvolvimento**. Autores Associados: São Paulo, 1997.
- KERBEJ, F. C. **Natação: algo mais que quatro nados**. Manole: São Paulo, 2002.
- GRESPLAN, M. R. **Educação física no ensino fundamental: primeiro ciclo**. Papyrus Editora: São Paulo, 2002.
- MACHADO, D. C. **Natação: teoria a prática**. Sprint: Rio de Janeiro, 1998.
- MACHADO, D. C. **Metodologia da natação**. 2. ed. EPU: São Paulo, 1978.
- MCGINNIS, P. M. **Biomecânica do esporte e do exercício**. Artmed: Porto Alegre, 2002.
- SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. Cortez Editora: São Paulo, 1992.
- XAVIER FILHO, E., MANOEL, E.J. Desenvolvimento do comportamento motor aquático: implicações para a pedagogia da natação. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, vol. 10, n. 2, p. 85-94, 2002.